

TRUMP E O FIM DA ORDEM LIBERAL

Vasco Rato

INTRODUÇÃO

Aquando da sua confirmação no cargo de secretário de Estado, Marco Rubio observou que a ordem liberal «não se encontra apenas obsoleta, é agora uma arma usada contra nós» (Senate Foreign Relations, 2025, p. 10)¹. Acrescentou que os governantes americanos, colocando os «nossos interesses nacionais vitais acima de tudo o resto», viam-se «novamente chamados a criar um mundo livre a partir do caos» (*Ibidem*). Reconhecendo que, por norma, «países atuam de acordo com o que entendem ser os seus interesses nacionais vitais», e concedendo que «a nossa riqueza nunca foi ilimitada e o nosso poderio nunca foi infinito», Rubio apelou expressamente à «prudência na condução da política externa» (*Ibidem*, pp. 10-11). Meses depois, eventuais interrogações quanto às intenções da segunda Administração Trump dissiparam-se com a publicação da Estratégia de Segurança Nacional de novembro de 2025 (ESN₂₅), onde se lê que «a influência desproporcional de países maiores, mais ricos e mais fortes é uma verdade intemporal das relações internacionais» (The White House, 2025c, p. 10).

A divulgação da ESN₂₅ instalou a estupefação entre as elites políticas europeias. Espelhando essa desorientação, o primeiro-ministro polaco Donald Tusk recorreu ao X para afiançar que

a Europa é o vosso aliado mais próximo, não o vosso problema. E temos inimigos comuns. Pelos menos é

RESUMO

Este artigo examina as linhas mestras da política externa de Donald Trump, destacando a continuidade entre os dois mandatos, enraizada nas transformações da distribuição global de poder e na desagregação da ordem liberal, mas também a rutura decisiva com a ordem liberal pós-1945. Enquanto no primeiro mandato Trump procurou reformar a ordem liberal, neste segundo mandato pretende desmantelá-la por considerá-la incompatível com os interesses nacionais americanos. A análise centra-se na visão transaccional das relações internacionais, com ênfase no protecionismo comercial, na rivalidade com a China e nas tensões transatlânticas, que minam a credibilidade do Artigo 5.º da Aliança Atlântica e estimulam a Europa a perseguir maior autonomia estratégica, com implicações relevantes para Portugal.

Palavras-chave: Donald Trump, ordem liberal, política externa, relações transatlânticas.

ABSTRACT

TRUMP AND THE END OF THE LIBERAL ORDER

This article examines the core tenets of Donald Trump's foreign



policy, highlighting the continuity between his two terms. This continuity is rooted in shifts in the global distribution of power and the unravelling of the liberal order. Yet, the administration has also made a decisive break with the post-1945 liberal framework. Trump sought to reform the liberal order in his first term; he now aims to dismantle it, deeming it incompatible with US national interests. The article focuses on the president's transactional worldview, protectionist trade policies, rivalry with China, and transatlantic tensions that undermine NATO's Article 5 and spur greater European strategic autonomy. For Portugal, such change brings significant implications.

Keywords: Donald Trump, liberal order, foreign policy, transatlantic relations.

assim que tem sido nos últimos 80 anos. Temos de continuar assim. Esta é a única estratégia razoável para a nossa segurança comum. A menos que algo tenha mudado².

Tusk talvez não tivesse interiorizado que algo efetivamente mudara desde 2016, pois o entendimento transacional de Trump da política internacional levava-o a concluir que, num mundo de soma-zero e de *free-riding* por parte dos aliados dos Estados Unidos da América (EUA), os «amigos» eram, por vezes, consideravelmente mais ameaçadores do que os «inimigos». Os quatro anos que separam os dois mandatos do heterodoxo Presidente republicano haviam reforçado essa sua convicção.

Este artigo analisa as linhas mestras da política externa de Donald Trump. Sublinha-se a continuidade entre os seus dois mandatos, continuidade essa que reflete as transformações estruturais suscitadas pelas alterações na

distribuição do poder internacional que acompanharam – e acentuaram – a desagregação da ordem liberal³. Contudo, a aceleração da crise da ordem liberal verificada durante a presidência de Joe Biden provocou uma mudança colossal. Se, no primeiro mandato, Trump procurou reformar a ordem liberal, agora pretende desmantelá-la, pois considera-a incompatível com os interesses nacionais do país.

O artigo começa por analisar a «Rutura» que contrasta a ordem liberal pós-1945, assente em multilateralismo e alargamento democrático, com as críticas de Trump ao *free-riding* dos aliados desde os anos 1980; prossegue com «A ameaça chinesa», analisando a guerra comercial, *reshoring* e tensões geopolíticas no Indo-Pacífico, passando por analisar as «Quezílias europeias», explorando fricções na Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, na sigla inglesa), tarifas e desconfiança mútua; e termina com «Trump ressuscitado», que dissecar o segundo mandato, culminando numa conclusão sobre o declínio transatlântico e os ajustes necessários para Portugal.

A RUTURA

Depois de 1945, a grande estratégia americana assentou em relacionamentos multilaterais, acordos de comércio livre e numa vasta rede de alianças político-militares destinada a conter a União Soviética. Concluída a Guerra Fria, Bill Clinton, com o intuito de estender o âmbito da «paz interdemocrática», arquitetou um consenso bipartidário em torno de uma estratégia de «alargamento»⁴. Com efeito, a Doutrina Clinton antecipava que a Rússia e a China – definidos como os «nossos antigos adversários» – seriam integrados no «sistema internacional como nações abertas, prósperas e estáveis», e que, posteriormente, encetariam caminhos próprios para a democracia (The White

House, 1999). Donald Trump rompe com o «globalismo» que orientara Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama logo a 16 de junho de 2015, quando anuncia a sua candidatura às primárias do Partido Republicano. Porém, muito antes de entrar na corrida à Casa Branca, Trump, numa «carta aberta» dirigida ao povo americano publicada em setembro de 1987, advertira que «o Japão e outras nações» aliadas «se aproveitavam» da generosidade dos EUA enquanto se escudavam debaixo do seu guarda-chuva nuclear (Landerman & Simms, 2017, pp.32-

DONALD TRUMP ROMPE COM O «GLOBALISMO» QUE ORIENTARA BILL CLINTON, GEORGE W. BUSH E BARACK OBAMA LOGO A 16 DE JUNHO DE 2015, QUANDO ANUNCIA A SUA CANDIDATURA ÀS PRIMÁRIAS DO PARTIDO REPUBLICANO.

-33). Observara que o mundo «se ria» porque «protegemos navios que não possuímos, transportando o petróleo de que não precisamos, destinado a aliados que não nos ajudam» (*Ibidem*). Visto ser insustentável «defender aqueles que podem facilmente pagar-nos pela defesa da sua liberdade», exigia que os aliados – que considerava serem *free-riders* – custeassem a sua defesa e que fossem alterados os acordos comerciais vigentes de modo a reduzir «os nossos enormes défices e os nossos impostos» (*Ibidem*, p. 33).

Volvidos uns trinta anos, Trump, durante a sua primeira campanha presidencial, resuscita estes mesmíssimos temas. Repudia o excecionalismo subjacente à noção de que os EUA eram a «nação indispensável», perspetiva cuja origem atribuíra à «perigosa ideia de que poderíamos fazer democracias ocidentais de países que não tinham experiência nem interesse em se tornarem democracias ocidentais» (*The Fiscal Times*, 2016). Concebendo os EUA como um «país normal», responsabilizou o «excecionalismo» pelo declínio nacional que se propunha inverter. Visto que o poderio militar invariavelmente assenta numa base material robusta, a inversão do declínio logicamente obrigava a uma mudança das «nossas políticas económicas, comerciais e de imigração», o primeiro e indispensável passo para «novamente pôr os americanos em primeiro lugar» (*Ibidem*).

Se os seus antecessores realçaram a vertente de segurança político-militar da ordem liberal, Trump identificou o vetor económico-comercial como o calcanhar de Aquiles do poderio americano, até porque a «doutrina do comércio livre» propagada pelos seus antecessores protelava uma ordem lesiva dos interesses nacionais do país (Drezner, 2019; Lew & Nephew, 2018). No decorrer da campanha, qualificou a Organização Mundial do Comércio como um «fracasso» e enalteceu a soberania nacional depositada no Office of the US Trade Representative (Noland et al., 2016). Advogou a revisão – ou o simples abandono – dos acordos comerciais que, na sua ótica, fustigavam o país, particularmente o Acordo de Comércio Livre Norte-Americano, que insistentemente retratou como o «pior» acordo comercial de sempre (Davis & Rappeport, 2017). No dia 20 de janeiro de 2017, no seu discurso de tomada de posse, prometeu escudar os EUA da «devastação» provocada por países que «roubam as nossas empresas e destroem os nossos empregos», a razão que o leva a robustecer a inviolabilidade das fronteiras nacionais

e a delinear políticas protecionistas, condições indispensáveis para que o país «comece a vencer novamente, vencer como nunca antes e, assim, inverter o declínio nacional» (The White House, 2017b).

Meses depois, a Estratégia de Segurança Nacional de dezembro de 2017 (ESN17) veio proclamar que instrumentos económicos «podem ser partes importantes de estratégias mais amplas para dissuadir, coagir e constringir adversários», lógica esmiuçada na The President's 2017 Trade Policy Agenda, elaborada pelo Office of the US Trade Representative, com o intuito de sinalizar que o país jamais «fecharia os olhos às práticas comerciais injustas que prejudicam os trabalhadores, agricultores, rancheiros e empresas americanas nos mercados globais» (The White House, 2017a, p. 1; Office of the United States, 2017, p. 1). Em conformidade com as posições assumidas ao longo do seu primeiro mandato, Trump, durante a campanha de 2024, promete transformar o país na principal «superpotência industrial mundial» através do rebalancing do comércio exterior; isto é, por meio de uma «tarifa universal» calibrada para punir países que praticassem tarifas mais elevadas ou que promovessem alternativas ao dólar (Agenda47, 2023b). Caracterizada como «olho por olho e tarifa por tarifa», a abordagem transformase em policy a 2 de abril de 2025, quando, no «Dia da Libertação», a Casa Branca desvenda as suas tarifas⁵.

A AMEAÇA CHINESA

Dir-se-á que a construção de um novo consenso bipartidário relativamente à China se afigura como o mais notável sucesso da primeira Administração Trump (Rato, 2020)⁶. Logo a 2 de março de 2018, o Presidente recorre ao Twitter para afirmar que «guerras comerciais são boas e fáceis de vencer» (Reuters, 2018). Prontamente invoca a Secção 301 do US Trade Act of 1974 para contrariar as políticas «discriminatórias» chinesas que «oneram ou restringem o comércio dos Estados Unidos» (Jing & Soo, 2019; Sun, 2019). Visto que a «guerra comercial» sino-americana constituía uma das múltiplas frentes da rivalidade estratégica que opunha as duas potências globais, proíbe a utilização de aparelhos, de componentes e de serviços da Huawei em instalações militares, limita a exportação de semicondutores, impede a venda de várias empresas tecnológicas americanas a interesses chineses e apoia legislação tendente a reforçar o poder dos reguladores do Committee on Foreign Investment in the United States (Liao, 2018; Masters et al., 2023). Pela voz do Vice-Presidente Mike Pence, a Casa Branca sinaliza a sua determinação de reestruturar as cadeias de produção e de fornecimento de modo a evitar dependências excessivas relativamente às empresas chinesas (Hudson Institute, 2018). Contudo, em resposta aos seus críticos, Trump insistia que seria a China – e não os consumidores e as empresas nacionais – a arcar com os elevados custos das tarifas, que, a prazo, impulsionariam o *reshoring* industrial⁷.

Chegados ao verão de 2019, as exportações oriundas dos EUA para a China ficam sujeitas a tarifas retaliatórias num valor superior a 110 biliões de dólares (South China

Morning Post, 2020). Subsequentemente, a 15 de janeiro de 2020, as partes celebram o acordo «Fase Um», obrigando Washington a abandonar as tarifas de dezembro de 2019 e a proceder a uma redução de taxas de 15% para 7,5% sobre 120 bilhões de dólares em produtos chineses, embora não fossem alteradas as tarifas adicionais no valor de 250 bilhões de dólares⁸. Pequim, por sua vez, aceitava reduzir para metade as tarifas que incidiam sobre 1717 produtos americanos e a adquirir duzentos bilhões de dólares em bens e serviços americanos nos dois anos seguintes, acima da linha de base de 2017 (186 bilhões). Não obstante o compromisso, as autoridades chinesas concluíram que as vulnerabilidades do país somente seriam superadas por meio da autossuficiência tecnológica e da potencialização do mercado interno.

Evidentemente, as tensões entre as duas capitais não se reduziam às quezílias comerciais. No âmbito geopolítico, Trump, em finais de 2016, semanas antes de se instalar na Sala Oval, abriu conversações diretas com a Presidente de Taiwan Tsai Ing-wen, o primeiro chefe de Estado americano a fazê-lo desde 1979 (Landler & Sanger, 2016). Não hesita em aprovar a venda de armas à Formosa e a reforçar a presença da Marinha americana na região, embora avisasse que Taipei teria de compensar os EUA pelos elevados custos inerentes à defesa da ilha (Maizland, 2019). Significativamente, em julho de 2020, condena a «campanha de bullying» regional conduzida pelo Exército de Libertação Popular e enjeita as reivindicações territoriais de Pequim no mar do Sul da China (Pamuk et al., 2020). Quanto à violação sistemática dos direitos humanos, particularmente em Xinjiang, o secretário de Estado Mike Pompeo, nos derradeiros dias da Administração Trump, denuncia o genocídio perpetuado contra os uigures (US Department of State, 2021). No decorrer da campanha de 2024, Trump reitera os desafios colocados pelo ressurgimento da China, fazendo saber que tencionava anular a ordem executiva de Joe Biden do ano anterior sobre a inteligência artificial

porque, na sua opinião, inibia o desenvolvimento dessa tecnologia (The White House, 2025a). A medida não surpreendia, pois, já em 2019, Trump assinara uma ordem executiva destinada a estimular «estratégias nacionais» no âmbito da cibersegurança e da inteligência artificial de modo a responder às pressões vindas da China, competição que via como uma espécie de «corrida às armas» moderna. Com o intuito de «eliminar completamente a dependência relativamente à China em todas as áreas críticas», tais como o aço, a eletrónica e os fármacos, propõe um plano quadrienal destinado a restringir a importação de «bens essenciais» oriundos da China e a limitar investimentos chineses em sectores como a indústria, o imobiliário e as terras agrícolas (Agenda47, 2023a).

A inquietação com o poderio chinês convence a segunda Administração Trump da necessidade de dominar infraestruturas estratégicas e rotas oceânicas, pois 80% do comércio mundial circula por via marítima. Por exemplo, a investida militar contra os

A INQUIETAÇÃO COM O PODERIO CHINÊS
CONVENCE A SEGUNDA ADMINISTRAÇÃO TRUMP
DA NECESSIDADE DE DOMINAR INFRAESTRUTURAS
ESTRATÉGICAS E ROTAS OCEÂNICAS, POIS 80% DO
COMÉRCIO MUNDIAL CIRCULA POR VIA MARÍTIMA.

houthis no mar Vermelho prende-se com a necessidade de garantir o trânsito livre no Bab-el-Manden e no Canal de Suez, dois «pontos de estrangulamento» marítimo que Trump tenciona manter abertos (Langlois, 2025). A mesma lógica aplica-se ao Canal do Panamá, por onde transitam aproximadamente 40% dos contentores americanos (Curley, 2025). Mais a norte, a abertura da Passagem do Noroeste em virtude do degelo do Ártico aumentou a relevância geoestratégica desta zona no preciso momento em que a China, a Rússia e vários países europeus intensificam a corrida aos vastos recursos da região. A abertura da rota polar requer uma forte presença avançada da Marinha americana, uma das razões que leva Trump a insistir na necessidade de fazer da Groenlândia um baluarte estratégico norte-americano (Dodds, 2025).

QUEZÍLIAS EUROPEIAS

Pouco depois de vencer as presidenciais de 2016, Trump assume que «seria maravilhoso» se a NATO «e o nosso país se pudessem dar bem com a Rússia» (Gould, 2017). Declarações de teor semelhante adensaram suspeições quanto a um *rapprochement* russo-americano, mas as ações do Presidente, então constrangido pelas acusações falsas de «conluio» com Vladimir Putin, foram em sentido inverso. Reforçou o número de tropas de combate americanas nos bálticos, robusteceu a Iniciativa de Dissuasão Europeia e conservou as sanções decretadas por Barack Obama na sequência da anexação da Crimeia (Marme & White, 2017). Abandonou o Tratado de Regime de Céu Aberto de 2002 e o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermédio de 1987. Bateu-se por uma menor dependência europeia relativamente aos fornecimentos de energia russa, esforço que lhe valeu a inimizade de Angela Merkel (Rettman, 2019). Num quadro de

TRUMP AMEAÇOU PESADAS BARREIRAS ALFANDEGÁRIAS CONTRA A UNIÃO EUROPEIA E AFIRMOU QUE A POLÍTICA DE REFUGIADOS DE ANGELA MERKEL DESTRUIRIA A «CULTURA EUROPEIA», DECLARAÇÕES QUE O COLOCARAM EM ROTA DE COLISÃO COM AS ELITES EUROPEIAS QUE OLHAVAM O SEU NACIONAL-POPULISMO COMO UM DESAFIO AO *STATU QUO* CONTINENTAL.

rivalidade entre as grandes potências, a ESN¹⁷ preconizava uma cooperação transatlântica vigorosa que fizesse frente à assertividade russa, chinesa e iraniana (The White House, 2017a, p. 48)⁹.

Na realidade, os desencontros entre os aliados transatlânticos remontavam à campanha presidencial de 2016, altura em que Trump assegurou que o Brexit traduzia o «direito sagrado» do Reino Unido de recu-

perar a sua independência nacional corroída pela «imigração aberta» e por uma «elite global cosmopolita» alienada das «pessoas reais» (MacAskill, 2016). Mais inquietante, pouco depois de qualificar a NATO como «obsoleta», sugeria que somente respeitaria as obrigações decorrentes do Artigo 5.^o caso o país que viesse a solicitar assistência em caso de agressão tivesse contribuído com 2% do seu produto interno bruto (PIB) para a defesa coletiva, conforme acordado na Cimeira do País de Gales de 2014 (The New York Times, 2016)¹⁰. Ameaçou pesadas barreiras alfandegárias contra a União

Europeia (UE) e afirmou que a política de refugiados de Angela Merkel destruiria a «cultura europeia», declarações que o colocaram em rota de colisão com as elites europeias que olhavam o seu nacional-populismo como um desafio ao *statu quo* continental. Trump novamente desvaloriza o Artigo 5.º durante a sua primeira deslocação à Europa para participar na Cimeira de Bruxelas da NATO de maio de 2017¹¹. Contudo, passadas escassas semanas, na Polónia, insiste que os EUA «demonstraram não só com palavras, mas também com ações, que apoiamos o Artigo 5.º» (Radio Free Europe, 2017). Um ano mais tarde, na Cimeira da NATO de 2018, realizada na capital belga, exige que os aliados alocassem 4% do PIB à defesa (MascAskill & Crerar, 2018). Ao mesmo tempo, e não obstante Trump considerar que os EUA eram «vampirizados» pelos aliados, a ESN¹⁷ constata que uma «Europa forte e livre é de importância vital para os Estados Unidos» (The White House, 2017a, p. 48). Pese embora crítico das assimetrias quanto à partilha de custos no seio da Aliança, o documento mantinha que a NATO constituía «uma das nossas grandes vantagens sobre os nossos concorrentes», e, por isso mesmo, os EUA «continuam comprometidos com o Artigo 5.º»¹². A formulação indicava que as brechas haviam sido superadas.

Todavia, no campo comercial, agudizam-se as tensões entre os dois lados do Atlântico. Concebendo o comércio como uma interação de soma-zero, Trump mantinha que as práticas comerciais «injustas» de Bruxelas faziam da UE o «maior inimigo» do seu país (CBS News, 2018). Em março de 2018, com o intuito de reequilibrar o comércio transatlântico, invoca a Secção 232 do Trade Expansion Act of 1962 para justificar a sua ordem executiva contemplando tarifas de 25% sobre a importação do aço provindo da UE e de 10% sobre o alumínio (U. S. Department of Commerce, 2018, p. 8). Três meses depois, em junho, a UE aprova tarifas retaliatórias sobre uma ampla gama de produtos de origem americana (Mauldin, 2018). Visivelmente exasperado com a escalada em curso, o presidente da Comissão Europeia Jean-Claude Juncker adverte Trump que «se você quer ser estúpido, eu também posso ser estúpido» (Pop & Salama, 2018). Neste quadro de confronto, Juncker e a comissária do Comércio Cecilia Malmström deslocam-se a Washington para conversações com Trump destinadas a quebrar o impasse. Realizado a 25 de julho de 2018, o encontro saldou-se pela aprovação de uma declaração conjunta que antevia

uma nova fase nas relações entre os Estados Unidos e a União Europeia – uma fase de estreita amizade, de fortes relações comerciais em que ambos possamos ganhar, de melhor trabalho conjunto em prol da segurança e da prosperidade globais e da luta comum contra o terrorismo. (Comissão Europeia, 2018)

Significativamente, as partes aceitaram «fortalecer a nossa cooperação estratégica em relação à energia», ou seja, a UE prometia adquirir quantidades adicionais de gás natural liquefeito americano, assim aliviando as preocupações de Trump quanto ao Nord

Stream 2 e à dependência europeia em relação ao fornecimento russo (*Ibidem*). Em resultado do entendimento, a Casa Branca, em outubro de 2018, notifica o Congresso de que iria encetar negociações com a UE de forma a estabelecer uma relação comercial «mais justa e equilibrada» (Office of the United States, 2018).

No entanto, as mutações que na altura atravessavam a relação euroamericana levaram Emmanuel Macron a anunciar que «estamos atualmente a viver a morte cerebral da NATO», o que obrigaria a Europa a raciocinar como uma potência «geopolítica» de modo a evitar que «a longo prazo, [desapareçamos] geopoliticamente ou, pelo menos, [deixemos] de ter o controlo do nosso destino» (*The Economist*, 2019). Avisa que uma vez que deixara de ser possível confiar plenamente na América para defender os Estados-Membros da NATO, o poderio estratégico europeu implicava o resgate da «soberania militar» por parte da UE. Muito embora tivesse, dois anos antes, admitido que «os europeus realmente têm de tomar o [seu] destino nas [suas] próprias mãos» – porque a «época em que podíamos confiar totalmente nos outros até certo ponto acabou» –, Angela Merkel recusou subscrever as «palavras drásticas de Macron» (Birnbaum & Noack, 2017). Tal como muitos outros dirigentes europeus, continuava a apostar que a chegada de um novo inquilino à Casa Branca viesse a repor o *statu quo ante*.

As quezílias transatlânticas reacenderam em maio de 2020 quando, em plena pandemia, as autoridades americanas interditaram a entrada no país a cidadãos oriundos do Espaço Schengen. Ursula von der Leyen acusou Trump de agir «sem consultar» os seus parceiros e apelou à «cooperação e não à ação unilateral», mas, ao mesmo tempo, não se inibiu de decretar a proibição da entrada de cidadãos americanos na UE (Banks, 2020). Quando a morte de George Floyd suscita violentíssimos protestos em várias cidades americanas, o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão Heiko Maas qualifica-os como «legítimos», afirmação que consubstanciava uma nítida ingerência nos assuntos internos de um país aliado (Herszenhorn, 2020). Neste clima de azedume, Merkel – acompanhada pelos líderes do Canadá, do Reino Unido e da UE – recusa participar na cimeira do Grupos dos sete (G7) a realizar em Washington em maio de 2020 (Karnitschnig et al., 2020). Os europeus conseguiram forçar o cancelamento da cimeira, mas a derrota que infligiram ao presidente norte-americano efetivamente esvaziou mais uma instituição multilateral.

TRUMP RESSUSCITADO

Um mês depois das eleições presidenciais de 2020, a Comissão Europeia enviou a Joe Biden uma proposta destinada a «reiniciar» a relação transatlântica, pois, segundo Ursula von der Leyen, «chegara a hora» de as partes se voltarem «a conectar por meio de uma nova agenda para a cooperação global transatlântica» (Comissão Europeia, 2020). Subentendia-se, portanto, que as querelas dos quatro anos anteriores eram atribuíveis – quiçá exclusivamente – a Donald Trump. Todavia, a relação euro-americana volta a degradar-se em resultado da retirada unilateral do Afeganistão ordenada

por Biden, acontecimento que leva a ex-ministra de França para a Europa Nathalie Loiseau a observar que «muitos países da UE estavam em estado de negação. Achavam que bastava esperar que Trump fosse embora e voltaríamos ao “velho normal”. Mas esse “velho normal” já não existe» (Lowen, 2021).

A eleição de Donald Trump em 2024 aclara o «novo normal» que baliza uma relação

transatlântica abalada por uma panóplia de desentendimentos. Logo em fevereiro de 2025, discursando na Conferência de Segurança de Munique, JD Vance expressa a sua «profunda preocupação com a segurança europeia», insistindo que cabia aos europeus assumirem uma maior quota da responsabilidade pela defesa continental (The White House, 2025b). Choca a assistência quando confidencia que

a ameaça que mais me preocupa em relação à Europa não é a Rússia, não é a China, não é qualquer outro ator externo. O que me preocupa é a ameaça interna, o afastamento da Europa de alguns dos seus valores mais fundamentais. (*Ibidem*)

Diz-se alarmado com o comportamento de uma casta política continental que corrói a liberdade, ou seja, com «comissários que bloqueiam as redes sociais» quando se confrontam com alegados «conteúdos odiosos» e globalistas que não hesitavam em anular eleições presidenciais na Roménia. Quanto às inevitáveis acusações de ingerência na política interna europeia, ironiza que a democracia americana conseguiu sobreviver a dez anos de Greta Thunberg, pelo que «vocês [conseguirão] sobreviver a alguns meses de Elon Musk» (*Ibidem*).

Ao mesmo tempo, o secretário da Defesa Pete Hegseth afirmava que a «salvaguarda da segurança europeia terá de ser um imperativo dos membros europeus da NATO» (U.S. Department of Defense, 2025). A resposta não se faz esperar. Emmanuel Macron volta a reivindicar a «autonomia europeia», admitindo que a *force de frappe* francesa viesse a ser alargada a todo o continente. Keir Starmer reclamava para si um papel central na segurança europeia, dizendo-se disponível para destacar um contingente militar para a Ucrânia. Significativamente, Friedrich Merz sinalizava que pretendia prosseguir a «independência» estratégica relativamente aos EUA. Construiu-se, pois, um consenso quanto ao estabelecimento de uma indústria de defesa europeia, o primeiro passo para garantir a resiliência da segurança continental. Se a vontade política de avançar com o robustecimento da defesa europeia se adensava, ficava por esclarecer se essa «entidade de defesa europeia» seria independente da NATO ou se seria o pilar continental da Aliança Atlântica.

Menos de duas semanas depois de Vance ter incendiado Munique, Volodymyr Zelensky desloca-se à Casa Branca para se reunir com o seu homólogo. Realizado a 28 de fevereiro de 2025, o encontro acaba por provocar um terramoto nas relações euroamerica-

A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP EM 2024 ACLARA
O «NOVO NORMAL» QUE BALIZA UMA RELAÇÃO
TRANSATLÂNTICA ABALADA POR UMA PANÓPLIA
DE DESENTENDIMENTOS.

nas. Se, por um lado, Trump considerava que a «operação militar especial» de fevereiro de 2022 configurava «um erro tremendo» de Putin, por outro, opôs-se ao incremento do apoio militar a Kyiv porque acreditava que cabia aos europeus aumentarem as suas contribuições para o esforço militar ucraniano (Forrest, 2023). Muito embora tenha caracterizado a guerra russo-americana como a «guerra de Biden», Trump, ao longo da campanha presidencial de 2024, nunca abandonou verdadeiramente a Ucrânia à sua sorte. Persuadido de que o fim célere da guerra correspondia ao interesse nacional dos EUA, prometeu pôr-lhe fim em menos de vinte e quatro horas. Instalado na Sala Oval, Trump entendia que os aliados europeus não se mostravam interessados em colocar um ponto final ao conflito porque se mantinham fiéis à política ucraniana de Biden e, assim, empurravam Moscovo para a órbita estratégica de Pequim. Na sequência da reunião entre Trump e Zelensky, num momento em que se assistia a um *downgrade* das relações com Kyiv e à abertura de um diálogo com Vladimir Putin, simbolizado pela Cimeira do Alasca, Kaja Kallas veio a terreiro afirmar que «o mundo livre precisa de um novo líder» (Oliver et al., 2025).

À medida que aumentava o desconforto europeu com o posicionamento da Administração americana, Trump instigava os aliados a contribuírem com 5% do seu PIB para custear as despesas da NATO, meta aprovada na Cimeira de Haia de junho de 2025 (NATO, 2025). As tensões transatlânticas voltam a manifestar-se em abril de 2025, quando o presidente anuncia as suas tarifas universais no «Dia da Libertação», despoletando um processo de ameaças e contra-ameaças comerciais que conduzem ao acordo euro-americano celebrado por Trump e von der Leyen na Escócia em finais de julho de 2025 (Reuters, 2025). Não obstante ter-se firmado o polémico acordo, era por demais evidente que von der Leyen sucumbira às pressões americanas no sentido de aceitar um *deal* largamente desfavorável aos interesses europeus. Em suma, o acordo comercial e a guerra ucraniana mostravam tanto a *unreliability* de Washington como a vulnerabilidade europeia.

Com a maioria dos dirigentes europeus a concluírem que chegara a hora de a Europa autonomizar a sua defesa porque não era possível continuar a confiar no aliado americano, a publicação da ESN₂₅ desfez as dúvidas que ainda subsistiam quanto às linhas mestras da política externa de Donald Trump. Rompendo com os seus antecessores, que acreditaram «que o domínio permanente da América» correspondia aos «interesses do nosso país», Trump veio a terreiro esclarecer que «os assuntos dos outros países só nos dizem respeito se as suas atividades ameaçarem diretamente os nossos interesses» (The White House, 2025c, p. 1). Dito de modo diferente, os EUA deixariam de desempenhar o papel de «polícias do mundo» incumbidos de intervir nos quatro cantos do globo em defesa da ordem liberal.

A fim de inverter o declínio nacional e de racionalizar os recursos limitados do país, a ESN₂₅ antecipa o regresso dos EUA à sua «vizinhança» tradicional, ou seja, ao hemisfério americano. Anuncia um «Corolário Trump» à Doutrina Monroe de 1823 e ao

Corolário Roosevelt de 1905, assim sinalizando que Washington iria conter a influência de potências adversárias nas Américas, negando-lhes instalações militares, recursos estratégicos, infraestruturas críticas como o Canal do Panamá e geografias como a Gronelândia. Concomitantemente, propõe-se criar um espaço hemisférico integrado política e economicamente, condição *sine qua non* para escudar os EUA das indesejáveis influências extra-hemisféricas.

Se a ESN₁₇ enfatizava a centralidade da rivalidade com a Rússia e a China, o documento de 2025 anuncia que Washington pretende «impedir a emergência de adversários dominantes», constatando que a China somente poderá ser resistida com a assistência da Europa e dos aliados asiáticos num quadro de «estabilização estratégica» da Rússia (*Ibidem*, p. 10). Por outras palavras, para fazer frente à China, tornava-se necessário reconfigurar os compromissos internacionais dos EUA. Ora, não significa isto que, no novo quadro geopolítico, Trump veja Putin como um aliado, ou que almeje o seu triunfo na Ucrânia, até porque, de acordo com a formulação da ESN₂₅, «não nos podemos dar ao luxo de descartar a Europa», rumo caracterizado como *self-defeating* pois o «interesse vital» de Washington passa por «negociar uma cessação rápida das hostilidades na Ucrânia» de modo a mitigar o risco de confronto entre Moscovo e os países europeus (*Ibidem*, pp. 24-25). Eis uma das razões que explicam a visível frustração de Trump com a continuação de uma guerra que considera ser incentivada por governos europeus «minoritários instáveis, muitos dos quais atropelam princípios básicos da democracia» e que «nutrem expectativas irrealistas para a guerra» (*Ibidem*, p. 26).

Convém enfatizar que nada disto significa que estejamos perante um inevitável «divórcio» transatlântico. Contudo, à luz das recentes prioridades geopolíticas delineadas pela Casa Branca, a relação transatlântica – tal qual a conhecemos – deixou de ser viável. Retomando as preocupações de

Vance expressas em Munique, a ESN₂₅ sugere que as mudanças demográficas verificadas na Europa em resultado da vaga de imigração dos últimos anos podem subverter a aliança com os EUA, pois «é mais do que plausível» que daqui a «algumas décadas, no máximo, certos membros da NATO se tornem maioritariamente não europeus» (*Ibidem*, p. 27). Face a este cenário, os americanos questionam se os europeus

«olharão para o seu lugar no mundo, ou a sua aliança com os Estados Unidos, da mesma forma que os signatários da carta da NATO» (*Ibidem*). Atendendo a estas circunstâncias, cabe a Washington «ajudar a Europa a corrigir a sua trajetória atual», a inverter o «apagamento civilizacional» em curso (*Ibidem*, p. 26). A fim de salvaguardar a «identidade ocidental», a ESN₂₅ apela à restauração da «saúde espiritual e cultural americana» e do Ocidente (*Ibidem*, p. 4). Dir-se-á que Trump vislumbra «dois Ocidentes»: um encarnando

CONVÉM ENFATIZAR QUE NADA DISTO SIGNIFICA
QUE ESTEJAMOS PERANTE UM INEVITÁVEL
«DIVÓRCIO» TRANSATLÂNTICO. CONTUDO,
À LUZ DAS RECENTES PRIORIDADES
GEOPOLÍTICAS DELINEADAS PELA CASA BRANCA,
A RELAÇÃO TRANSATLÂNTICA – TAL QUAL A
CONHECEMOS – DEIXOU DE SER VIÁVEL.

os valores articulados pelos partidos nacional-populistas que almejam restaurar a pujança das sociedades democráticas e outro – representado pelo Partido Democrata americano e por muitos governos europeus – que se limita a gerir o declínio. Embora tenha recorrido a uma linguagem conciliatória, foi esta mensagem de renovação civilizacional que Marco Rubio escolheu trazer à Conferência de Segurança de Munique de fevereiro de 2025 (U.S. Department of State, 2026).

CONCLUSÃO

Partindo da premissa de que a ordem assente em regras se transformou num instrumento para inviabilizar os interesses vitais do seu país, Donald Trump, que, no seu primeiro mandato, procurou reformar a ordem liberal, pretende, agora, desmantelá-la. Como é óbvio, este shift acarreta vastas consequências. Desde logo, a viragem de Washington mina a confiança que os aliados da NATO depositam na garantia de segurança proporcionada pelo Artigo 5.º. Daí que os europeus almejam capacidades militares próprias num quadro de limitações económicas e financeiras que, a prazo, podem impedir a criação dessa força continental «independente». Mais importante, a perceção de ameaça na Europa não é uniforme, até porque um conjunto de países vê a «autonomia europeia» como uma substituição de dependências, trocando Washington por Paris ou por Berlim. Se a confiança relativamente a Washington deixou de ser absoluta, não é evidente que essa mesma confiança venha a ser depositada em Paris ou em Berlim.

Dir-se-á que a crise nas relações transatlânticas está longe de chegar ao fim. No entanto, espera-se que as diferenças entre os dois lados do Atlântico não sejam exacerbadas pela demagogia numa altura em que a Europa, os EUA e outros espaços democráticos se encontram sob pressão de um eixo de Estados autocráticos. Se se tornou evidente que a relação transatlântica requer revisão, atualizando-a para responder a uma nova ordem que se vislumbra, é igualmente claro que a relação euro-americana ainda traz benefícios às partes. Para um país de vocação atlântica que partilha uma fronteira marítima com os EUA, Portugal terá de se ajustar a uma nova realidade que dificulta a manutenção do tradicional equilíbrio entre os pilares europeu e atlântico da nossa política externa. **REI**

Data de receção: 15 de fevereiro de 2026 | Data de aprovação: 31 de março de 2026

Vasco Rato Investigador no LusoGlobe – Lusófona Centre on Global Challenges (Universidade Lusófona). É diretor do Mestrado em Diplomacia e Relações Internacionais da Universidade Lusófona de Lisboa. Doutorou-se em Ciência Política na Universidade de Georgetown. Os seus últimos livros são *De Mao a Xi: O ressurgimento da*

China (2020) e *Tsunami: Trump, trumpismo e a Europa* (2023).

> Faculdade de Direito da Universidade Lusófona, Campo Grande, 376, 1749-024 Lisboa, Portugal | vasco.rato@ulusofona.pt

<https://orcid.org/0000-0001-9422-2242>

NOTAS

- 1 Salvo indicação em contrário, todas as citações são traduções livres do autor.
- 2 A afirmação foi publicada na conta de Donald Tusk no X. Disponível em: <https://x.com/donaldtusk/status/1997336196007985541>.
- 3 Sobre o primeiro mandato de Donald Trump, ver Rato (2023) e Moreira de Sá e Soller (2018).
- 4 Anthony Lake, o primeiro diretor do National Security Council de Bill Clinton, definiu a «Doutrina Clinton» num discurso proferido a 21 de setembro de 1991, na Johns Hopkins University. Ver Lake (1993) e The White House (1996). Sobre a discussão na altura suscitada pela «Doutrina Clinton», ver, por exemplo, Brinkley (1997) e Dumbrell (2002). Para uma análise crítica da paz inter-democrática, ver Rato (1998).
- 5 Sobre as tarifas do «Dia da Libertação», ver McKibbin et al. (2025).
- 6 Para uma apreciação crítica do novo consenso, ver Weiss (2019) e Gurtov (2019).
- 7 Larry Kudlow, diretor do National Economic Council, admitiu que, no curto prazo, «ambas as partes sofrerão», ou seja, os prejuízos económicos iriam incidir sobre as companhias e os consumidores americanos. Ver Temple-West (2019).
- 8 Para o texto integral do Acordo, ver United States Trade (2020).
- 9 Sobre a grande estratégia de Putin, ver Rato (2018).
- 10 Para declarações semelhantes, ver The Washington Post (2016).
- 11 Para o discurso completo, ver The White House (2017c).
- 12 *Ibidem*. Similarmente, a Estratégia de Defesa Nacional do Pentágono, de fevereiro de 2018, destacava o papel central da NATO na «defesa da liberdade, na dissuasão da guerra e na manutenção das regras que sustentam uma ordem internacional livre e aberta» (U.S. Department of Defense, 2018, p. 8).

BIBLIOGRAFIA

- Agenda47. (2023a, fevereiro 27). *President Trump's new trade plan to protect American workers*. <https://www.donaldjtrump.com/agenda47/agenda47-president-trumps-new-trade-plan-to-protect-american-workers>
- Agenda47. (2023b, junho 21). *Cementing fair and reciprocal trade with the Trump Reciprocal Trade Act*. <https://www.donaldjtrump.com/agenda47/agenda47-cementing-fair-and-reciprocal-trade-with-the-trump-reciprocal-trade-act>
- Banks, M. (2020, março 13). EU leaders criticize Trump's coronavirus travel ban. *The Parliament Magazine*. <https://www.theparliamentmagazine.eu/news/article/eu-leaders-criticise-trumps-coronavirus-travel-ban>
- Birnbaum, M., & Noack, R. (2017, maio 28). Following Trump's trip, Merkel says Europe can't rely on «others». She means the U.S. *The Washington Post*. https://www.washingtonpost.com/world/following-trumps-trip-merkel-says-europe-cant-rely-on-us-anymore/2017/05/28/4c6b92cc-43c1-11e7-8d11-ccc59a9bf4b1_story.html
- Brinkley, D. (1997). Democratic enlargement: The Clinton doctrine. *Foreign Policy*, (106), 110-127.
- CBS News. (2018, julho 15). «I think the European Union is a foe», Trump says ahead of Putin meeting in Helsinki [Entrevista]. Face the Nation. <https://www.cbsnews.com/news/donald-trump-interview-cbs-news-european-union-is-a-foe-ahead-of-putin-meeting-in-helsinki-jeff-glor/>
- Comissão Europeia. (2018, junho 25). *Joint EU-US Statement following President Juncker's visit to the White House*. <http://trade.ec.europa.eu/doclib/press/index.cfm?id=1898>
- Comissão Europeia. (2020, dezembro 2). *Joint communication to the European Parliament, the European Council and the Council: A new EU-US agenda for global change*. https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/joint-communication-eu-us-agenda_en.pdf
- Curley, G. (2025, janeiro 9). *The US is right to be concerned about China's influence over the Panama Canal*. New Atlanticist; Atlantic Council. <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/right-to-be-concerned-about-chinas-influence-over-the-panama-canal/>
- Davis, J. H., & Rappeport, A. (2017, março 30). After calling NAFTA «worst trade deal», Trump appears to soften stance. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2017/03/30/business/nafta-trade-deal-trump.html>
- Dodds, K. (2025, fevereiro). *President Trump, hemispheric security and the Greenland connection* (Working Paper). Groupe d'études géopolitiques. <https://geopolitique.eu/wp-content/uploads/2025/02/working-paper-dodds.pdf>
- Drezner, D. W. (2019). Economic statecraft in the age of Trump. *The Washington Quarterly*, 42(3), 7-24.
- Dumbrell, J. (2002). Was there a Clinton doctrine? President Clinton's foreign policy reconsidered. *Diplomacy & Statecraft*, 13(2), 43-56.
- Forrest, J. (2023, maio 11). *Trump won't commit to backing Ukraine in war with Russia*. CNN. <https://edition.cnn.com/2023/05/10/politics/ukraine-russia-putin-trump-town-hall/index.html>
- Gould, J. (2017, 12 de abril). *Trump says NATO «no longer obsolete» in series of foreign policy reversals*. Defense News. <https://www.defensenews.com/congress/2017/04/12/trump-says-nato-no-longer-obsolete-in-series-of-foreign-policy-reversals/>
- Gurtov, M. (2019). The dangerous new US consensus on China and the future of US-China relations. *The Asia-Pacific Journal*, 17(5), 1-11.
- Herszenhorn, D. M. (2020, junho 4). *Trump's Europe strategy: Nothing*. Politico. <https://www.politico.eu/article/donald-trump-eu-strategy-nothing-g7-summit-angela-merkel/>
- Hudson Institute. (2018, outubro 4). *Vice President Mike Pence's remarks on the administration's policy towards China*. <https://www.hudson.org/events/1610-vice-president-mike-pence-s-remarks-on-the-administration-s-policy-towards-china102018>
- Jing, M., & Soo, Z. (2019, maio 26). Tech cold war: How Trump's assault on Huawei is forcing the world to contemplate a digital iron curtain. *South China Morning Post*. <https://www.scmp.com/tech/big-tech/article/3011700/tech-cold-war-how-trumps-assault-huawei-forcing-world-contemplate>
- Karnitschnig, M., Herszenhorn, D. M., Barigazzi, J., & Gray, A. (2020, maio 29). *Merkel rebuffs Trump invitation to G7 summit*. Politico. <https://www.politico.eu/article/angela-merkel-rebuffs-donald-trump-invitation-to-g7-summit/>

- Laderman, C., & Simms, B. (2017). *Donald Trump: The making of a world view*. I. B. Tauris.
- Lake, A. (1993, setembro 21). *From containment to enlargement* [Discurso]. <http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/lakedoc.html>
- Landler, M., & Sanger, D. E. (2016, dezembro 2). Trump speaks with Taiwan's leader, an affront to China. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2016/12/02/us/politics/trump-speaks-with-taiwans-leader-a-possible-affront-to-china.html>
- Langlois, A. (2025, maio 7). *What Donald Trump's deal with the Houthis means*. The National Interest. <https://nationalinterest.org/blog/middle-east-watch/what-donald-trumps-deal-with-the-houthis-means>
- Lew, J. J., & Nephew, R. (2018). The use and misuse of economic statecraft: How Washington is abusing its financial might. *Foreign Affairs*, 97(6), 139-149.
- Liao, S. (2018, maio 2). *The Pentagon bans Huawei and ZTE phones from retail stores on military bases*. The Verge. <https://www.theverge.com/2018/5/2/17310870/pentagon-ban-huawei-zte-phones-retail-stores-military-bases>
- Lowen, M. (2021, setembro 3). *Afghanistan crisis: How Europe's relationship with Joe Biden turned sour*. BBC. <https://www.bbc.com/news/world-europe-58416848>
- MacAskill, E. (2016, junho 26). Donald Trump arrives in UK and hails Brexit vote as great victory. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/us-news/2016/jun/24/donald-trump-hails-eu-referendum-result-as-he-arrives-in-uk>
- MacAskill, E., & Crerar, P. (2018, julho 11). Donald Trump tells Nato allies to spend 4% of GDP on defence. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2018/jul/11/donald-trump-tells-nato-allies-to-spend-4-of-gdp-on-defence>
- Maizland, L. (2019, abril 3). *U.S. military support for Taiwan: What's changed under Trump?* CFR Brief; Council on Foreign Relations. <https://www.cfr.org/in-brief/us-military-support-taiwan-whats-changed-under-trump>
- Marmeï, E., & White, G. (2017, dezembro). *European Deterrence Initiative: Bolstering the defence of the Baltic states*. RKK/ICDS. https://icds.ee/wp-content/uploads/2018/05/ICDS_Policy_Paper_European_Deterrence_Initiative_Eerik_Marmeï-Gabriel_White_December_2017.pdf
- Masters, J., McBride, J., & Berman, N. (2023, janeiro 3). *What happens when foreign investment becomes a security risk?* CFR Background; Council on Foreign Relations. <https://www.cfr.org/background/what-happens-when-foreign-investment-becomes-security-risk>
- Mauldin, W. (2018, maio 31). US tariffs prompt anger, retaliation from trade allies. *The Wall Street Journal*. <https://www.wsj.com/articles/u-s-slaps-steel-aluminum-tariffs-on-canada-mexico-european-union-1527774283>
- McKibbin, W. J., Noland, M., & Shuetrim, G. (2025, junho 25). *The global economic effects of Trump's 2025 tariffs* (Working Paper No. 25-13). Peterson Institute for International Economics. <https://ssrn.com/abstract=5338095>
- Moreira de Sá, T., & Solter, D. (2018). *Donald Trump: O método no caos*. Dom Quixote.
- NATO. (2025, junho 25). *The Hague summit declaration*. <https://www.nato.int/en/about-us/official-texts-and-resources/official-texts/2025/06/25/the-hague-summit-declaration>
- Noland, M., Hufbauer, G. C., Robinson, S., & Moran, T. (2016, setembro). *Assessing trade agendas in the US presidential campaign*. Peterson Institute for International Economics. <https://www.piie.com/sites/default/files/documents/pieb16-6.pdf>
- Office of the United States Trade Representative. (2017). *The President's 2017 trade policy agenda*.
- Office of the United States Trade Representative. (2018, outubro 16). *Trump administration announces intent to negotiate trade agreements with Japan, the European Union and the United Kingdom* [Comunicado de imprensa]. <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2018/october/trump-administration-announces>
- Oliver, C., Faggionato, G., Goury-Laffont, V., & Griera, M. (2025, fevereiro 28). *«Free world needs a new leader»: Europe defends Zelenskyy after Trump attack*. Politico. <https://www.politico.eu/article/volodymyr-zelenskyy-donald-trump-jd-vance-oval-office-white-house-us-ukraine-war-russia/>
- Pamuk, H., Mohammed, A., & Tian, Y. L. (2020, julho 15). *U.S. rejects China's claims in South China Sea, adding to tensions*. Reuters. <https://www.reuters.com/article/world/us-rejects-chinas-claims-in-south-china-sea-adding-to-tensions-idUSKCN24E20T/>
- Pop, V., & Salama, V. (2018, julho 26). Juncker's trade pitch to Trump: «I can be stupid, as well». *The Wall Street Journal*. <https://www.wsj.com/articles/eus-white-house-trade-talks-went-from-uncertainty-to-lowered-tensions-1532624882>
- Radio Free Europe/Radio Liberty. (2017, julho 16). *In Warsaw, Trump reaffirms Article 5 commitment, criticizes Russia's «destabilizing behavior»*. <https://www.rferl.org/a/trump-europe-trip-poland-warsaw-visit/28597961.html>
- Rato, V. (1998). Mas são mesmo mais pacíficas? *Política Internacional*, (18), 93-114.
- Rato, V. (2018). Romper o cerco: A Rússia de Putin e a nova Guerra Fria. *Nação e Defesa*, (148), 116-148.
- Rato, V. (2020). *De Mao a Xi: O ressurgimento da China*. Alêtheia.
- Rato, V. (2023). *Tsunami: Trump, trumpismo e a Europa*. Edições Actual.
- Rettman, A. (2019, fevereiro 18). *Merkel defends Russia ties, ridicules Trump on cars*. EUobserver. <https://euobserver.com/world/144190>
- Reuters. (2018, março 2). *Trump tweets: Trade wars are good, and easy to win*. <https://www.reuters.com/article/business/trump-tweets-trade-wars-are-good-and-easy-to-win-idUSKCN16E1E9/>
- Reuters. (2025, agosto 21). *What's in Trump's trade deal with Europe?* <https://www.reuters.com/business/autos-transportation/whats-trumps-trade-deal-with-europe-2025-07-27>
- Senate Foreign Relations Committee. (2025, janeiro 15). *Hearing before the Committee on Foreign Relations United States Senate, One Hundred Nineteenth Congress, First Session*. <https://www.foreign.senate.gov/imo/media/doc/bdf93f4b-a83c-89ac-0fac-9b586715afd8/01%2015%2025%20Nominations%20-%20Rubio.pdf>
- South China Morning Post. (2020, dezembro 10). *China tariffs: What are they and how are they used?* <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3113157/china-tariffs-what-are-they-and-how-are-they-used>
- Sun, H. (2019). US-China tech war: Impacts and prospects. *China Quarterly of International Strategic Studies*, 5(2), 197-212.
- Temple-West, P. (2019, dezembro 5). *Kudlow: «Both sides will suffer» in U.S.-China trade war*. Politico. <https://www.politico.com/story/2019/05/12/china-trade-war-kudlow-1317632>
- The Economist. (2019, novembro 7). *Emmanuel Macron warns Europe: NATO is becoming brain-dead*. <https://www.economist.com/europe/2019/11/07/emmanuel-macron-warns-europe-nato-is-becoming-brain-dead>
- The Fiscal Times. (2016, abril 27). *Transcript of Donald Trump's foreign policy speech*. <https://www.thefiscaltimes.com/2016/04/28/Transcript-Donald-Trump-s-Foreign-Policy-Speech-April-27-2016>
- The New York Times. (2016, julho 21). *Transcript: Donald Trump on NATO, Turkey's coup attempt and the world*. <https://www.nytimes.com/2016/07/22/us/politics/donald-trump-foreign-policy-interview.html>
- The Washington Post. (2016, março 21). *A transcript of Donald Trump's meeting with The Washington Post editorial board*. <https://www.washingtonpost.com/blogs/post-partisan/wp/2016/03/21/a-transcript-of-donald-trumps-meeting-with-the-washington-post-editorial-board/>
- The White House. (1996, fevereiro). *A national security strategy of engagement and enlargement*. <https://www.hsdil.org/?view&id=444939>

- The White House. (1999, fevereiro 26). *Remarks by the President on foreign policy*. <https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/clintfps.htm>
- The White House. (2017a, dezembro). *National security strategy of the United States of America*. <https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>
- The White House. (2017b, janeiro 20). *The inaugural address*. <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/the-inaugural-address/>
- The White House. (2017c, maio 17). *Remarks by President Trump at NATO unveiling of the Article 5 and Berlin Wall Memorials – Brussels, Belgium*. <https://ru.usembassy.gov/remarks-president-trump-nato>
- The White House. (2025a, janeiro 23). *Removing barriers to American leadership in artificial intelligence*. <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/01/removing-barriers-to-american-leadership-in-artificial-intelligence/>
- The White House. (2025b, fevereiro 14). *Vice President JD Vance delivers remarks at the Munich Security Conference* [Video]. <https://www.whitehouse.gov/videos/vice-president-jd-vance-delivers-remarks-at-the-munich-security-conference/>
- The White House. (2025c, novembro). *The national security strategy of the United States of America*. <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2025/12/2025-National-Security-Strategy.pdf>
- U.S. Department of Commerce. (2018, janeiro 11). *The effect of imports of steel on the national security: An investigation conducted under Section 232 of the Trade Expansion Act of 1962, as amended*. https://www.commerce.gov/sites/default/files/the_effect_of_imports_of_steel_on_the_national_security_-_with_redactions_-_20180111.pdf
- U.S. Department of Defense. (2018). *Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America: Sharpening the American military's competitive edge*. <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>
- U.S. Department of Defense. (2025, fevereiro 13). *Secretary of Defense Pete Hegseth press conference following NATO Ministers of Defense meeting in Brussels, Belgium* [Transcrição]. <https://www.war.gov/News/Transcripts/Transcript/Article/4066734/>
- U.S. Department of State. (2021, janeiro 19). *Determination of the Secretary of State on atrocities in Xinjiang*. <https://2017-2021.state.gov/determination-of-the-secretary-of-state-on-atrocities-in-xinjiang/>
- U.S. Department of State. (2026, fevereiro 14). *Secretary of State Marco Rubio at the Munich Security Conference* [Transcrição]. <https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesperson/2026/02/secretary-of-state-marco-rubio-at-the-munich-security-conference>
- United States Trade Representative. (2020, janeiro 15). *Economic and trade agreement between the government of the United States of America and the government of the People's Republic of China*. https://ustr.gov/sites/default/files/files/agreements/phase%20one%20agreement/Economic_And_Trade_Agreement_Between_The_United_States_And_China_Text.pdf
- Weiss, J. C. (2019). A world safe for autocracy? China's rise and the future of global politics. *Foreign Affairs*, 98(4), 92-102.